

## PÓS-GRADUANDOS SE MOBILIZAM EM TODO O PAÍS CONTRA CORTES DO GOVERNO

Os estudantes de Pós-Graduação de todo o país mobilizaram-se em assembleias para protestar e organizar mobilizações contra os ataques feitos pelo governo Bolsonaro à pesquisa no país.

A Associação Nacional dos Pós-Graduandos emitiu novo manifesto convocando a resistência contra os cortes na educação, na ciência e nas bolsas de estudo com passeatas neste dia 7 de setembro (veja a íntegra do manifesto nesta página). A APG-PUC-SP reuniu-se em assembleia na quinta-feira, 5/9, na Prainha e deliberou aderir à paralisação de 11/9. Veja ao lado as decisões da assembleia

### *Pós graduandos da PUC-SP paralisarão atividades em 11/9*

Na quinta-feira, 05/09, aconteceu mais um assembleia dos alunos da APG da PUC.

Na última segunda-feira, 02/09, foi anunciado um terceiro corte na educação. A CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior), informou o corte de mais de 5 mil bolsas de mestrado e doutorado no país.

Jair Bolsonaro, nos primeiros 8 meses de mandato, anunciou cortes na educação onde houve a anulação de cerca de 11 mil bolsas de pesquisas pela CAPES, onde a PUC foi afetada com a perda de 13 bolsas. Num governo instável, que projeta o sucateamento das universidades, provoca um cenário sombrio de incertezas e possíveis novos cortes visando um

fim para as pesquisas brasileiras.

APG convocou a assembleia entre os pós graduandos para criar estratégias de luta contra os cortes da educação. Foram deliberados: APG PUC irá adensar o ato no dia 7 de setembro; Pós Graduandos paralisarão no dia 11/09, quarta-feira; nova assembleia no dia 11/09.

### **Anpg e Apgs repudiam cortes na Capes e convocam a resistência nas ruas em 7 de setembro**

A ANPG e diversas Associações de Pós-Graduandos repudiam o anúncio feito pelo Ministério da Educação de cortar à metade o orçamento da CAPES para 2020, de 4,2 para 2,2 bilhões, além do acintoso bloqueio de mais 5.600 bolsas da instituição. Com isso, já se atinge a marca de 11.800 bolsas cortadas em menos de seis meses pelo Governo Bolsonaro. Essa medida impacta diretamente o sistema de pós-graduação, responsável por 90% da produção científica do país.

Essas políticas irracionais do governo causam prejuízos incalculáveis à produção de conhecimento, colocam em risco instituições de Estado fundamentais a qualquer aspiração de projeto

de desenvolvimento nacional e reduzem o futuro do país à eterna condição de subdesenvolvimento, atraso e dependência. Aliás, a renúncia à soberania é uma das marcas mais visíveis do governo entreguista e lesa-pátria de Jair Bolsonaro.

Os cortes de bolsas de estudo, que já possuem valor deprimido pela ausência de reajuste há 6 anos, passarão a atender menos de 1/4 dos pesquisadores vinculados aos mestrados e doutorados stricto sensu. Um disparate. A bolsa é a remuneração do árduo trabalho desenvolvido por esses estudantes que, apesar de se encontrarem em fase de formação, exercem função laboral importante para o desenvolvimento do país.

O esvaziamento dos órgãos de fomento à ciência e pesquisa, como a CAPES, o CNPq e a Finep, apontam para o desmonte da ciência e das possibilidades de recuperação econômica do Brasil em médio prazo.

O ministro da educação diz que vai dar solução à situação, provavelmente com saídas privatistas, como as apresentadas pelo projeto Future-se.

Não aceitaremos o desmonte do Sistema Nacional de Ciência e Tecnologia edificado durante décadas, com o esforço de gerações de brasileiros. O país é maior que este e qualquer governo e a consciência democrática nacional já se levanta contra o arbítrio e o obscurantismo, em repúdio crescente

a Bolsonaro e seus arroubos autoritários e anticientíficos.

É preciso resistir! Fortalecer e organizar APGs nas Universidades, articular com as outras categorias da comunidade acadêmica e científica, dialogar com os trabalhadores e trabalhadoras sobre a importância de defender a pesquisa, construindo as manifestações em cada cidade.

Dia 07 de setembro estaremos novamente nas ruas contra os cortes na educação, na ciência e nas bolsas de estudo. Lutar pelo futuro do Brasil vale a pena!

***Seguem as assinaturas de 43 associações de pós-graduandos de todo o país, inclusive a APG-PUC-SP***

# ANPG debate Universidade em Tempos de Resistência na PUC-SP

Na sexta-feira, 30/08, no auditório 117-A, aconteceu a 3ª reunião da Diretoria Plena 2018-2020 da ANPG (Associação Nacional dos Pós - Graduandos). Com o tema "Universidade em Tempos de Resistência" em debate, a mesa teve a presença de Maria Amália (Reitora PUC-SP), Soraya Smile (Reitora da Unifesp), Roberto Muniz (representante do sindicato dos trabalhadores da CNPq), Flávia Calé (presidente da ANPG) Rodrigo Medina (Representante do ANDES) e Manuela Matias (Vice presidente da ANPG).

O Brasil, em 2019, sofre um grande desmonte da educação, principalmente nas pesquisas de mestrado e doutorado que representam mais de 84 mil pesquisas ativas. O CNPq, que tem 60 anos de história, tem como objetivo desenvolver o país e auxiliar o sistema nacional mas so-



A fala da reitora Maria Amalia Andery no debate da ANPG

freu inflexão no sistema desde o impeachment de Dilma Rousseff. O orçamento sofreu quedas, que se acentuaram em 2016, e alcançaram o ápice em 2019.

Os cortes e congelamentos anunciados pelo governo de Bolsonaro, faz parte do movimento de desconstrução da ciência no Brasil onde o objetivo é lesionar o siste-

ma nacional que visa a autonomia e soberania do país e o apoio às universidades. Em junho, deste ano, a ANPG e outras entidades conseguiram um compromisso com o presidente da câmara dos deputados, Rodrigo Maia, para lançar um novo projeto nacional de mudança orçamentária exclusivo para recompor as bolsas do CNPq.

"Essa crise não é só de bolsas, mas essa é uma luta maior. Nós temos que brigar por uma universidade que seja comprometida com os interesses nacionais.", disse Roberto Muniz.

Na última segunda-feira, 2/9, o MEC, anunciou um novo bloqueio onde mais de 5 mil bolsas foram congeladas.

## Federal de Santa Catarina decreta greve contra o "Future-se"

Em uma assembleia que teve a presença estimada de 5000 pessoas a Universidade Federal de Santa Catarina, decretou greve geral, além da suspensão do vestibular e total rejeição ao Future-se, projeto do governo federal

que precariza o ensino superior público.

A assembleia deliberou também apoio à ocupação na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) contra o interventor que foi admitido de forma arbitrária pelo

Governo Federal, carta de exigência de readmissão dos funcionários terceirizados demitidos pela UFSC desde o início do ano, suspensão do vestibular 2020 até a liberação dos recursos cortados, adesão à mobilização nacional "Grito dos

excluídos", chamada pela União Nacional dos Estudantes em 7 de setembro, formação de um Comitê para mobilizar a comunidade externa em defesa da UFSC e proposta de greve geral com todas as instituições educacionais.

PUCViva

Publicação da Associação dos Professores da PUC-SP e da Associação dos Funcionários da PUC-SP

Editor: Valdir Mengardo

Reportagem: Stefane Mattos

Fotografia: Marina D'Aquino

Projeto Gráfico, Edição de Arte e

Edição: Valdir Mengardo e Ana Lúcia Guimarães

Conselho Editorial: Maria Beatriz Abramides, João B. Teixeira,

Jason Tadeu Borba, Victoria C. Weischtordt, Nalcir Antonio Ferreira Jr. e Maria Helena Gonçalves Soares Borges

Apropuc: Rua Bartira 407 – CEP: 05009-000 – Fone: 3872-2685.

Afapuc: Rua Ministro Godoy 1055 - Fone: 3670-8208.

PUCViva: 3670-8208 – Correo Eletrônico: pucviva.jornal@uol.com.br – PUCViva na Internet: www.apropucsp.org.br

## EDITORIAL

# Natura naturata, Naturanaturatá

Quando o céu de São Paulo escureceu as três e meia no dia 19 de agosto de 2019, fomos encapsulados numa mistura de resíduos das queimadas do frágil ambiente amazônico.

A contaminação da água da chuva denunciava com sua cor turva, na tonalidade escura do breu do carvão, a prova cabal da implicação correlata entre as queimadas e o atípico fenômeno climático em São Paulo.

O sinal de alerta piscou!

Naquele momento, ficou evidente que a posse sobre o discurso ambiental do obscurantismo político do des-governo Bolsonaro chegou às nuvens; e foi em direção ao limite da estupidez encarnada pelas ações violentas e desrespeitosas com a vida comum, cada vez mais nula e adstringente.

A ideia, apoiada pelo discurso falacioso do desmatamento como desenvolvimento que, nas duas últimas décadas, fora denunciada pelas pesquisas climáticas, movimentos ambientalistas, populações ribeirinhas e povos indígenas.

Apesar do silêncio frente à polifonia – tanto qual já dita, relatada, repetida entre os cotidianos e às histórias – das gentes nativas da floresta; a riqueza viva da natureza ancestral ainda faz-se o superar das “rentáveis” monoculturas do agronegócio.

Entretanto, para que essa riqueza desabroche, são necessários investimentos vultosos e sistemáticos no que pode a educação, atravessando-a desde o ensino fundamental até a pesquisa de ponta das pós-graduações. Sem essa qualidade educacional não há existência de horizonte plausível para as florestas brasileiras.

O “dia do fogo”, em que grileiros, madeireiros, latifundiários, combinaram de fazer essa grande queimada, é demonstrada

pela ousadia da banalidade do mal como alibi assertivo e quase distante do discurso governamental incentivador deste retrógrado imaginário de desenvolvimento econômico.

E assim a estratégia se conclui, da boca para fora para o mato adentro, diz-se: uma coisa são as queimadas, a outra, somente os rumores sobre a incapacidade de um des-governo.

Até meados dos anos de 1970, a prática de “limpar o mato” era corriqueira e justificativa de ações predatórias ao meio ambiente. Somente a partir da ECO 92, e das divulgações científicas do aquecimento global, iniciamos um esforço mundial para pensar os parâmetros e as metodologias capazes de criar diretrizes científicas para combater e controlar esse retrocesso ambiental.

A partir desses parâmetros ecológicos, podemos nos limites da ciência moderna, atrás de um discurso apalpa-do pelo rigor científico, a exigência metodológica e projetiva de certeza, o encontro de um pensamento fragmentado, que até então, fazia-se incapaz de pensar o modelo sistêmico sobre os impactos ecológicos em analítica global de geo-situação.

Diante desse fato, instala-se a necessidade de recriar parâmetros de inovação analíticos e científicos.

Uma resultante desse esforço na ciência brasileira foi o mapeamento de informações cartográficas em tempo real a respeito das queimadas criminosas do agronegócio nas monoculturas da soja e canaveira, da pecuária extensiva, do garimpo ilegal, da grilagem e da destruição ambiental causada pelas mineradoras através de seus resíduos tóxicos.

O rolo compressor do agronegócio expulsa os povos indígenas, as populações ribeirinhas e os pequenos produtores familiares, que são obrigados à migração para as periferias dos centros urbanos pela falta de horizontes em seus territórios nativos. Precisamos virar a página para barrar a sanha do agronegócio e da indústria de extração mineral.

Estamos diante de um projeto político que se dita pela recuperação histórica e social das elites escravocratas, extrativistas, usurpadoras e saqueadoras desde a terra brasileira.

E resistir a isso, implica-nos para o enfrentamento do passado histórico de agressão e destruição dos povos indígenas, tantas vezes cíclicos à violência como à resistência. Novamente, resistir para a criação de outro referencial de mundo, cultura e cidadania, na superação realista como ligação da dissociação-política entre o homem e a natureza, pois não há cultura nos trópicos sem a mesma, assim como não há fé sem (r)existência. Trata-se, aqui, da vibração cultural metamórfica assoberbada pelos ritmos e paisagens, incorporados no vicejar das mãos e pés.

No que a natureza envolve-nos de afetos está desde o cozinhar com seus frequentes sabores, cheiros, cores e texturas, até o criar do paisagismo nos jardins, nas calçadas, nos muros de pedras e nas fachadas das casas, pois o ambiente se comove em comunhão de baile próprio para o movimento das trepadeiras que refrescam esses ambientes arquitetônicos, e mesclam-se na superfície do poente de um rizoma vegetal com as suas sólidas e duras rochas.

A natureza também nos reverte com materiais para o design de interiores, as joalherias e os modismos, criando adornos corporais e estamparias simuladas das peles dos bichos e das penas de aves. Um festim da miscelânea onçeira em seus grunhidos amorosos incorporados por cada um de nós, como também, na força ancestral de seus urros que vociferam nos gritos das manifestações em todo mundo; em defesa da floresta, o bordão: “Somos Amazônia”.

A expansão dessa sentença para defesa do meio ambiente deve-se junto aos seus bichos, pássaros, populações ribeirinhas e povos indígenas num só corpo vivente; tramados nesta dobra entre a cultura e a natureza; no feito de cidadãos, pela nossa linguagem mesclada e povoada de signos perante a esse desmatamento-político e fonético, como uma luta que veio da terra à língua; literalmente mitológica, concretamente invisível, com o afago do chuí das águas; no trinar dos pássaros, um gracejo em tupi; num animismo gutural das matas.

Em suma: somos e devemos estar nas demasiadas Amazônias dos trópicos – em nossas ruas, praças, linguagens e lares-corações –, entre elas, a da música-amazônica de Nilson Chaves,

“Sou pipira das manhãs/  
Sou o boto, igarapé/  
Sou rio Negro e Tocantins/  
Samaúma da floresta, peixe-boi e jabuti/  
Mururé filho da selva/  
A boiúna está em mim/  
Sou curumim, sou Guajará ou Valdemar, o Marajó, cunhã.../  
A pororoca sim nasceu em mim, nasceu em mim, nasceu em mim... /  
Sou muito mais...”

Eu sou, Amazônia”

**Diretoria da APROPUC**

# Reforma trabalhista: uma ameaça à saúde do trabalhador

Passado pouco tempo das mudanças na Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) já é possível afirmar que tudo aquilo que apontávamos antes da sua implantação, de fato, vem se confirmando.

As consequências da precarização das relações de trabalho é cada vez mais visível e, na contramão das justificativas do governo quanto à necessidade para sua implantação, só vemos o número de desempregados crescer e a crise econômica se agravar.

Assistimos ainda a competição predatória ser superestimada nos ambientes de trabalho, aguçando cada vez mais o individualismo, o que acaba contribuindo tanto para a precarização social quanto a do trabalho, e, conseqüentemente, para a precarização da saúde. Amizade, respeito e confiança são apagados pela mistura de medo e ânsia de sobreviver no emprego.

Mais especificamente, as técnicas desgastantes de gerenciamento, que atualmente são predominantes, estimulam a exacerbada competição entre empregados, reforçam o individualismo e promovem o aumento do cansaço, o que se contrapõe à implementação de políticas de pessoal que demandam o trabalho colaborativo em equipe. Isso nada mais é que uma das contradições do mundo corporativo contemporâneo que carece de solução para que os objetivos de produtividade e lucratividade possam ser constantemente alcançados.

Esse isolamento causado pelo individualismo

debilita as relações do ambiente corporativo e provoca desgastes emocionais que facilitam o adoecimento psicológico e orgânico. Os trabalhadores passam a apresentar mais problemas de saúde, principalmente relacionados a quadros depressivos, esgotamento mental ou burnout, síndromes paranóides.

Deste modo, as circunstâncias precarizadas de trabalho, associadas às características individuais, acabam por deflagrar ou acentuar doenças de diversas ordens. A exemplo disso, podemos citar o estresse causado pela sobrecarga de funções. Contudo, os trabalhadores são submetidos a condições precárias de emprego, e devem contraditoriamente corresponder ao alto grau de exigência que lhe é imposto, no sentido de potencializar sua produtividade em prol de maiores resultados, sobretudo gerando maiores margens de lucro para o empregador.

Vivenciamos hoje no mundo do trabalho uma situação que, sob o pretexto de elevadas exigências de empregabilidade, permite que os indivíduos sejam submetidos, com a anuência do Estado, a condições insatisfatórias de trabalho que derivam da política de flexibilização e desregulamentação de direitos sociais, previdenciários e trabalhistas, que agridem não apenas a saúde do trabalhador, mas também a sua cidadania e dignidade.

Paralelamente é promovido o enfraquecimento de sindicatos e associações para que a flexibilização dos direitos seja acatada sem re-

sistência, alienando os trabalhadores da luta por melhores condições de trabalho e de vida, impondo-os a aceitarem as poucas opções propostas e a se submeterem a condições de desamparo previdenciário e social para poderem prover meios de subsistência.

Essas práticas tendem a golpear ou eliminar, direta ou indiretamente, os direitos de personalidade e as liberdades e garantias do cidadão, tais como: a liberdade de expressão, direito de defesa coletiva, direito à igualdade de tratamento, direito de constituir família, direito ao descanso e lazer, ou seja, os princípios que integram o conceito de cidadania.

Temos observado que "dentro dos muros" de nossa Universidade tal situação não tem sido diferente deste contexto.

Nos últimos anos presenciemos a perda de colegas de trabalho que, de uma hora para outra, sem qualquer diagnóstico prévio, vieram a falecer; o aumento de licenças por problemas de saúde, assim como de atestados de horas em virtude de consulta médica, sem falar no aumento de gastos com farmácia, verificado em levantamento realizado nos três últimos anos, através dos convênios firmados pela AFAPUC.

Além disso, presenciemos, no último acordo interno, a diminuição do benefício destinado àqueles que se encontram afastados por motivo de doença, assistimos ao fim do ambulatório médico e a conseqüente falta de assis-

tência à nossa comunidade, onde circulam milhares de pessoas todos os dias. Aguardamos a contratação do serviço de ambulância para garantir segurança, agilidade e qualidade no transporte sempre que necessário, como informado pela FUNDASP há quase um ano.

Vemos nossos colegas de trabalho estressados pelo acúmulo de trabalho em virtude da falta de funcionários nos setores que não têm seu quadro completo. Não há substituição, apenas redistribuição de tarefas, isso sem falar na maximização dos contratos docentes e no enrijecimento interno nas normas para concessão de benefícios aos alunos.

Esta, infelizmente, é a nossa realidade. Esperamos que muito em breve todos pensem como o Papa Francisco, autoridade maior da Igreja Católica, que no Encontro Nacional de Organizações Sindicais ocorrido no Vaticano há algum tempo atrás, num trecho da mensagem enviada aos participantes destacou que a mística do trabalho não pode ser exagerada: "A pessoa não é apenas trabalho. Existem outras necessidades humanas que precisamos cultivar e cuidar como família, amigos e descanso. É importante, então, lembrar que qualquer tarefa deve estar a serviço da pessoa e não a pessoa a serviço dela, o que implica que devemos questionar as estruturas que prejudicam ou exploram pessoas, famílias, sociedades ou nossa mãe Terra."

*Diretoria da AFAPUC*

# Apropuc lança revista Cultura Crítica e prepara novas edições

Na sexta-feira, 30/08, no auditório da Apropuc, aconteceu o lançamento da revista Cultura Crítica.

A revista que teve a primeira edição em 1996 e sua última em 2006, voltou a ser editada em setembro de 2019. Cultura e Crítica tem o viés político e cultural, e na sua primeira edição de reestria abordará a nova cultura do fascismo. A revista é colaborativa e apresenta inúmeros artigos diversificados, "A revista tem uma diversidade de gêneros nos artigos. Uma diversidade de idade e experiências de vida, de campos de saberes, então foi muito rica a variação dentro da revista.", disse o professor Urbano Nobre.

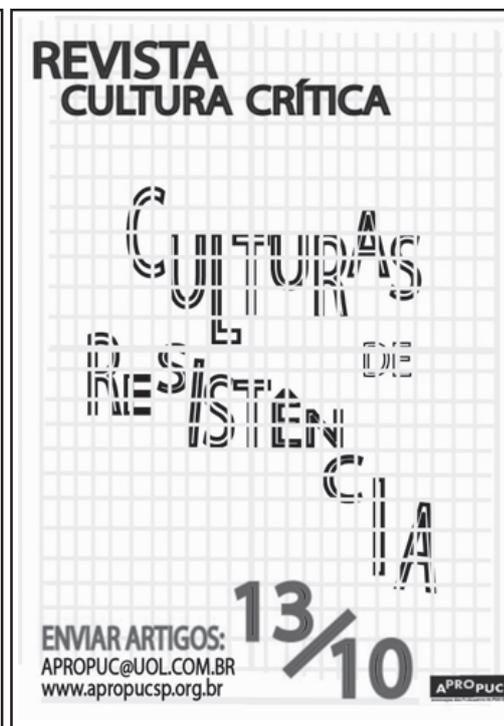
O lançamento contou com a presença dos pesquisadores onde compartilharam seus artigos.

Em breve a APROPUC estará lançando novos números das revistas PUCviva e Cultura Crítica. A primeira terá como tema central o meio ambiente e a Cultura Crítica debaterá Culturas de Resistência. Os artigos e resenhas devem ser enviados a [www.apropuc.org.br](http://www.apropuc.org.br) até 13/10, com 14 mil caracteres.



A mesa de lançamento da revista

STHEFANE MATTOS



## Movimento "Direitos Já!" é lançado no TUCA

Na segunda-feira, 2/9, no teatro Tuca, aconteceu o lançamento da nova frente da oposição ao governo de Jair Bolsonaro, Direitos Já! Fórum pela democracia. O evento contou com a presença de representantes da centro direita, centro esquerda e intelectuais, como Soninha Francine, Marta Suplicy, Ciro

Gomes, Paulinho da Força, Márcio França, Eduardo Suplicy, entre outros. O sociólogo americano Noam Chomsky também marcou presença no ato.

Foram debatidos os cortes na educação, ataques a instituições e segmentos sociais, liberdade de imprensa, crise e pensamento ideológico.



Personalidades participam do lançamento de Direitos Já

STHEFANE MATTOS

# ROLA NA RAMPA

## Conferência discute o velho Marx e seus cadernos etnológicos



STHEFANEMATTOS

Na mesa do debate Felipe Cotrim, Mauricio Parise e Lucas Pereira

Na segunda-feira, 2/9, no auditório da APROPUC, aconteceu a conferência "O velho Marx e seus cadernos etnológicos: para além do evolucionismo vulgar". Organizado pela célula István Mészáros do PCB, a mesa teve a presença do Professor Mauricio Parise, Professor Lucas Pereira Alves e Professor Felipe Cotrim.

Marxismo Cultural, historicidade do sistema capital, estado, sociabilidade, complexo de relações sociais, críticas ao marxismo, o capital, a natureza e o desenvolvimento do capitalismo, sociedade mercantil, direitos humanos e questão indígena foram temas debatidos na conferência.

## APG entrega manifesto em defesa de bolsistas à reitoria

A APG-PUC-SP entregou no último dia 30/8 um manifesto à reitoria onde reivindica uma série de medidas para garantir a permanência dos bolsistas, que estão sentindo diretamente os ataques praticados pelo Governo Federal contra a CAPES e o CNPq. Entre as reivindicações do manifesto estão:

✓ Que a PUC-SP suspenda a cobrança de mensalidades dos bolsistas prejudicados por eventual inadimplemento da CAPES ou do CNPq e providencie temporariamente auxílio em valor equivalente ao que deveria ser pago pela CAPES ou pelo CNPq;

✓ Que a Fundação São Paulo amplie temporariamente sua política de bolsas, de modo a garantir

que todos os programas de pós-graduação mantenham a mesma quantidade de bolsas a que fariam jus antes do contingenciamento (incluindo o auxílio pago diretamente para

✓ Que o MEC suspenda o contingenciamento das todas as bolsas de estudo destinadas à pós-graduação;

✓ Que a CAPES e o CNPq reajustem o valor das bolsas; e

✓ Que o Governo Federal revogue todos os cortes no financiamento da Educação (em todos os níveis) e da Ciência & Tecnologia. A reitoria se comprometeu a analisar as reivindicações e responder aos pós-graduandos.

## Narcelio José dos Santos

Faleceu, no dia 3/9, o ex-professor do Departamento de Economia da Faculdade de Economia e Administração, Narcelio José dos Santos. Nascido em dezembro

de 1945, o docente ingressou na PUC-SP em março de 1973, ministrando aulas no curso de Economia até dezembro de 2013, quando se afastou da universidade.

## Centro Acadêmico de Ciências Sociais é repaginado

O Centro Acadêmico de Ciências Sociais, Cacs, foi remodelado pelo multi-artista Augustinho das Neves e Sara Nathu sob a coordenação e direção de Yago Santos e Naty Faro. A loja

foi remodelada e agora oferece novos produtos aos visitantes.

## Jornalistas fazem ato pela liberdade de imprensa

Diante dos constantes ataques do ex-capitão Jair Bolsonaro à liberdade de imprensa o Sindicato dos Jornalistas, a OAB e diversos entes de jornalista realizaram na segunda, 9/8, um ato na Faculdade de Direito

do Largo de São Francisco. O ato contará com a presença de Glenn Greenwald jornalista que denunciou em seu site os diálogos dos integrantes da Lava Jato que culminaram na prisão do ex-presidente Lula.

A black and white poster with a textured background. At the top, it reads "UNIÃO EM DEFESA DA VIDA, MEIO AMBIENTE E DIREITOS SOCIAIS". Below that, the word "RESISTIR" is written in large, bold, white letters. Underneath "RESISTIR", there is a comma and the word "É PRECISO" in the same large, bold, white font. At the bottom, it says "TEATRO TUCA (PUC SP). RUA MONTE ALEGRE, 1024 - PERDIZES" and "EVENTO ABERTO, SEM VINCULAÇÃO POLÍTICO-PARTIDÁRIA" on the left, and "11.SET.19 ÀS 19H" on the right.